



Figura 1. Erwin Heinrich Frank (1950-2008).

**Erwin Heinrich Frank: o antropólogo alemão
que escolheu a Amazônia para viver**
Erwin Heinrich Frank: the German
anthropologist who choose to live in Amazon

Nelita Frank¹

Resumo: Nota biográfica sobre Erwin Heinrich Frank (1950-2008), antropólogo alemão que trabalhou no Peru, Equador e Brasil. Neste último país, Frank foi professor na Universidade Federal do Pará e na Universidade Federal de Roraima. Escrita pela esposa do cientista, a nota apresenta elementos da formação, do trabalho de campo e da obra do antropólogo, incluindo o projeto de pesquisa que deu origem ao texto inédito publicado neste mesmo número da revista, sobre a etnografia de Theodor Koch-Grünberg.

Palavras-chave: Erwin Heinrich Frank. Pano. Cashibo-Cacataibo. Theodor Koch-Grünberg. Etnografia. Roraima.

Abstract: A biographical note on Erwin Heinrich Frank (1950-2008), a German anthropologist who worked in Peru, Ecuador and Brazil. Frank was a professor at Universidade Federal do Pará and Universidade Federal de Roraima in Brazil. Written by his wife, the note covers his background, field research and anthropological work, including the project which resulted in the previous unpublished article included in this issue, concerning Theodor Koch-Grünberg's ethnography.

Keywords: Erwin Heinrich Frank. Pano. Cashibo-Cacataibo. Theodor Koch-Grünberg. Ethnography. Roraima

¹ Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em Roraima. Boa Vista, Roraima, Brasil (nelitafrank@ibest.com.br).



A proposta para escrever essa nota biográfica contando da vida e obra do antropólogo alemão Erwin Heinrich Frank (1950-2008) (Figura 1) foi um convite tentador e simpático do editor desse Boletim, Dr. Nelson Sanjad, a quem sou grata por esta iniciativa, como também agradeço pela decisão de aceitar publicar um texto recente de meu esposo, intitulado "Objetos, imagens e sons: a etnografia de Theodor Koch-Grünberg (1872-1924)". Aos primeiros contatos com Karin Naase e o senhor Sanjad, aceitei e acreditei mesmo ser capaz de mexer em nossas lembranças, até mesmo de acessar o seu acervo na biblioteca de nossa casa e de clicar nos arquivos em seu computador.

Nessa iniciativa por demais longa em cumprir com meu compromisso, encontrei-me com o fato de que ainda não fui capaz de abrir as gavetas da sua mesa de trabalho. Os livros consultados para o último texto estão sobre a mesa e outros tantos na cabeceira da cama ainda com os marcadores da última leitura. Ocorreu-me perguntar por quê? Porque tão cedo, de repente, tão bruscamente, estupidamente, o vi partir. O máximo que logrei foi tentar uma aproximação a uma nota sem tom, que o editor está livre para avaliar se é aceitável oferecer ao público que acessa as publicações do Museu Emílio Goeldi.

Esse antropólogo alemão, que desde a década de 1970 escolheu estudar a América Latina, na Pan-Amazônia viveu, amou, pesquisou, escreveu, fazendo vários câmbios em suas orientações teóricas. Escrever sobre o seu trabalho e sua produção acadêmica no momento só é possível de forma fragmentada; e, em parte, graças à nossa convivência desde a sua chegada ao Brasil, na segunda metade do ano de 1994, quando desembarcou diretamente em Belém do Pará, e a algumas notas de uma proposta de memorial que ele próprio escreveu tempos atrás.

O seu grande interesse por pinturas o levou à Universidade de Hamburgo para estudar artes; mas, nos momentos em que a inspiração lhe escapava, ele

se encontrava de repente em algum seminário de antropologia, acabando por trilhar esse percurso com muito gosto. Ele era um tipo que contava sua história de vida com um raro humor e riso (por exemplo, de como era guiado por crianças indígenas na travessia de rios no Peru). Logo, se mudou em 1972 para o Instituto de Etnologia e Estudos Americanistas da Universidade de Bonn, por causa do enfoque regional (sobre a América Latina) em antropologia que essa instituição possuía.

Em Bonn, estudou com o professor Dr. Udo Oberem, a quem ele admirava por seus conhecimentos em arqueologia, etno-história e etnografia do Equador, como também estudou com o professor Dr. Günther Tiemann. Segundo Erwin Frank, o primeiro seguia uma vertente do culturalismo historiográfico alemão, 'apurado' pela crítica das fontes, enquanto o segundo era de uma linha funcionalista. Dizia que aprendera muito com ambos, porém, a posição teórica destes não o teria convencido. Mas, sob orientação do Dr. Udo Oberem, escreveu, após seis anos de estudos universitários, sua monografia em etno-história (dissertação de mestrado) (Frank, 1987)¹.

Nesse trabalho, ele realizou uma revisão de fontes publicadas relacionadas ao 'canibalismo' como prática cultural entre povos indígenas da família linguística Pano, na Amazônia Ocidental. A razão do interesse desse antropólogo por tal estudo de fontes decorre da vontade de se acercar mais da literatura sobre os povos Pano, uma vez que decidira mesmo realizar trabalho de campo em preparação para sua tese de doutorado.

Em 1979, enquanto ele atuava na tutoria das disciplinas de seu orientador Udo Oberem, ao mesmo momento se preparava para o trabalho de campo no Peru, com os Cashibo-Cacataibo – os Uni como eles se autodenominam. Frank teria feito esta escolha porque sabia dos poucos estudos monográficos sobre este grupo, que supostamente seria ainda 'isolado', e com base na informação de que os Uni

¹ Erwin sempre me falava das diferenças do sistema de educação da Alemanha em relação ao Brasil. Lá se conclui os anos iniciais de estudos universitários com o mestrado, enquanto aqui é com a graduação.

apresentavam características de organização espacial que ele tomava como importantes para o tipo de pesquisa que pretendia realizar. Achava mesmo necessário tomar uma aldeia 'isolada' para levar adiante seu intento.

Segundo o próprio Frank, ele estava àquela época se orientando teoricamente pela perspectiva dos chamados ecologistas culturais, portanto o seu projeto seguia por esta linha. Esse estudo previa um levantamento quantitativo e qualitativo da ecologia e economia de uma aldeia Uni. Interessava ao antropólogo conhecer a produção, a distribuição e o consumo de víveres; os tipos, as quantidades e a distribuição por meio de atividades que dependiam de alto valor de consumo energético. Ele tinha como finalidade detectar fatores que fossem determinantes ou reguladores da ordem social e da produção intelectual desse grupo Cashibo-Cacataibo.

Em 1980, com 30 anos, Frank partiu sozinho da Alemanha em direção ao Peru, deixando a sua primeira esposa de um casamento de juventude para dar início à sua pesquisa de campo entre os Uni. Para levar adiante o seu projeto, ele foi determinado a viver entre os indígenas. Viveu 13 meses na comunidade Nativa de Santa Marta, Província Pachitea, Departamento Huánuco, Selva Central de Peru². Ele dizia que era raro ir a Lima, quando muito só para mandar notícias a seus familiares, comprar pilhas, tabaco e alguns objetos que os indígenas lhe pediam.

A sua permanência entre os índios Uni, nessa primeira viagem, foi até o início de 1981. Durante o tempo dessa pesquisa, coletou informações relativas aos levantamentos sobre os gastos de energia e tempo desses indígenas em atividades produtivas, nutrição e estado de saúde, sobre a produção agrícola e as interferências quanto a esta produção e a procura por produtos para intercambiar no mercado regional e internacional (por exemplo, madeira e ouro), que o seu projeto inicial previa. De sua experiência pessoal como um antropólogo em trabalho de campo ele colecionava muitas histórias de sua permanência entre os Uni nessa

primeira pesquisa e com as demais na mesma década. Isso chegaria a cerca de dois anos no total. O retorno a Santa Marta – para outros trabalhos – ocorreu pelo menos outras quatro vezes entre 1982 e 1987.

De volta à Alemanha, ele tomou o resto do ano de 1981 e parte de 1982 trabalhando nos dados da pesquisa realizada no Peru e escrevendo a sua tese de doutorado, com a qual recebeu o título de Dr. Phil. em 1983 – sendo a mesma publicada como o tomo 10 dos Estudos Americanistas do Departamento de Etnologia da Universidade de Bonn. No mesmo ano, como antropólogo, ingressou no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, para um posto de professor assistente, onde trabalhou por cinco anos sob orientação de um estudioso peruanista, Dr. Jürgen Golte.

Em Berlim, ele disse ter entrado numa terceira linha de trabalho, relacionada com os fundamentos (meta-) teóricos e a possibilidade de poder comparar ou avaliar comparativamente teorias ou paradigmas empírico-positivistas e teorias culturalistas ou construtivistas. Erwin sempre falava que essa linha meta-teórica estava mais evidente e expressa no seu livro "Opake Strukturen der Argumentation" ("Estrutura Opaca da Argumentação") (Frank, 1993a), com o qual a Universidade de Berlim lhe outorgou o título de Livre Docência em 1990 e o título de Privatdozent (alguém que não tem posto de trabalho permanente numa instituição, mas tem licença para ensinar, orientar teses etc.). Ele disse ter escrito grande parte desse livro em Boston, nos Estados Unidos, para onde teria ido com a finalidade de realizar consultas em bibliotecas.

Entre os anos de 1984 e 1993, Erwin lecionou várias disciplinas na Universidade Livre de Berlim, por exemplo, "Etno-história e Etnografia", "História da Teoria Social e Cultural", "Teoria do Trabalho de Campo Etnográfico", "Etnografia da Amazônia" e "Organização Social e Parentesco".

Erwin chegou ao Equador por acaso, no final da década de 1980, quando ia da Alemanha ao Peru para

² Para mais informações sobre esta comunidade, ver Frank (1993b). Os informantes dessa publicação são indígenas da indicada comunidade.

fazer outra pesquisa entre os Uni. Em razão de algum conflito que ocorria lá, atribuído ao grupo Sendero Luminoso, o governo alemão teria determinado a saída de pesquisadores alemães daquele país. Erwin trabalhou em Quito de 1989 a 1994, em meio a alguns semestres vividos na Europa. No Equador, o antropólogo vinculou-se à Pontifícia Universidade Católica (PUCE) como professor visitante, e também à Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) em um programa de mestrado. Uma vez mais, outra linha de pesquisa se abriu, dado que o país estava em ebulição política, culminando com levantes por parte da população indígena em nível nacional e com a destituição de dois presidentes. Capturado por esse frenesi político, Erwin logrou montar dois grupos de pesquisa na PUCE, cuja finalidade era documentar os eventos políticos. Os registros e a análise resultaram em um livro organizado pelo antropólogo em conjunto com duas alunas (Frank *et al.*, 1993).

Em 1994, o antropólogo Erwin Frank chegou ao Brasil, vindo da Alemanha, após alguns anos vivendo no Equador. Havia sido contratado como professor visitante do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará, durante quatro anos. Um colega dele, também alemão, o sociólogo e economista Thomas Hurtienne, que naquela época já estava no NAEA, foi buscá-lo no aeroporto de Val-de-Cans. Este colega, com uma visão particular de lugares pitorescos, fez o trajeto em direção ao bairro da Cidade Velha através do bairro da Sacramento, que era, então, de estrutura muito precária. À primeira vista, essa paisagem de periferia pareceu aos olhos do antropólogo com a cidade de Pucallpa, no Peru. Ele definitivamente não gostava de como se ouvia música alta naquela cidade. As festas juninas eram uma tortura para ele, devido aos ruídos.

Em razão, principalmente, desse novo trabalho, Erwin retomou a temática da ecologia cultural, fruto de sua pesquisa desenvolvida com os Uni, que ele, supostamente, teria deixado para trás há uns dez anos. Os módulos que ensinou nos cursos de doutorado e mestrado do NAEA

trataram dessa discussão, mas Erwin também aproveitou para planejar e desenvolver um trabalho de pesquisa sobre os impactos sociais dos planos de manejo florestal, como parte de um projeto interdisciplinar maior, desenvolvido no município de Paragominas (PA).

Esse último projeto no Pará mostrou-lhe ser difícil sair da área de estudos com e sobre indígenas. Então, ele se ocupou em ampliar suas leituras sobre a etnografia indígena brasileira e sobre identidades sociais, como também se dedicou a retomar a temática da teoria antropológica. Nos três anos vividos no Pará (1994 a 1997), Frank se tornou membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), participou de eventos científicos e, pelo menos inicialmente, pensava causar surpresa com as suas dúvidas em relação ao que ele considerava ortodoxia construtivista brasileira na questão da identidade étnica. Foi nesse período que nos encontramos, embora eu o conhecesse desde o seu desembarque no Brasil. Casamos juntando os 'trapos' em 1996 e, legalmente, em 1997. Em 2001, nasceu nosso filho Aukar Alexandre Frank, que completara sete anos no dia 10 de abril de 2008, poucos dias antes de Erwin Frank partir.

Decidido a fixar residência no Brasil, na segunda metade de 2007 nos mudamos para Roraima, onde ele foi aprovado em concurso público para o cargo de professor adjunto da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Ali iniciou suas atividades de professor na graduação, depois também na pós-graduação, quando foram criados os primeiros cursos, embora a estrutura e o funcionamento da universidade lhe causassem arrepios, especialmente a biblioteca, com seu pobre acervo na área de antropologia, o que o obrigava a preparar aulas em casa recorrendo a seu acervo particular.

Os primeiros anos em Roraima pareceram difíceis para esse antropólogo, que de repente se deu conta de estar em um lugar por tanto tempo sem acesso a uma boa livraria, sem internet, sem um bom acervo de bibliotecas, com parte dos recém colegas fazendo pós-graduação em outros lugares. À época, a jovem universidade estava em processo de estruturação e com pouco ou quase nenhum debate no circuito acadêmico.

Inicialmente, Frank se ocupou em ensinar as disciplinas “Teoria da Antropologia I, II e III”, “Ecologia Cultural”, “Antropologia Física” e “Antropologia Política”, no curso de Ciências Sociais com habilitação em Antropologia. Foi chefe do Departamento de Antropologia de 1999 a 2001. Nesse período, provocou uma grande discussão em torno da reformulação da grade curricular do curso, que devido a disputas políticas internas na universidade só veio a se concretizar anos depois. Ele representou o Departamento nos Conselhos Universitário Superiores, foi sócio fundador do Núcleo Histórico Sócio-Ambiental (NUHSA), que coordenava, foi membro do Conselho Editorial e revisor de textos da revista do NUHSA. Em anos anteriores, havia sido membro do Conselho Editorial de revistas editadas pela UFRR.

Uma terceira atividade nessa universidade foi tentar colocar a etnografia de Roraima dentro de uma perspectiva mais ampla, que incluía a Amazônia brasileira (e a Pan-Amazônia) e o campo internacional, promovendo, dessa forma, uma antropologia comparativa. Foi nesse percurso que Erwin começou a traduzir textos que considerava relevantes para o conhecimento, cujos originais foram publicados em inglês ou em alemão, como os textos de Theodor Koch-Grünberg, de Ernst Ule, de Franz Boas e de outros (uma tradução autorizada por Peter Rivière estava em andamento). Na verdade, sua finalidade era tentar superar uma visão de ‘aculturação’ ainda dominante na discussão regional da questão indígena em Roraima.

Finalmente, dedicou-se a uma tentativa de fomentar uma aproximação cuidadosa entre a universidade e o movimento indianista no estado, pensando em promover um entendimento mútuo e a perda de ilusões assistencialistas, sem cair na ‘trampa’ que esperam de um antropólogo descuidado, numa situação de conflito extremado em um estado polarizado e conservador. Frank trabalhou como perito em alguns laudos antropológicos requeridos pela Justiça Federal de Roraima, incluindo quando os conflitos fervilharam em torno da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. O último laudo

que escreveu está relacionado à lide judicial que envolveu a Ação Popular movida por parte contrária à demarcação e à homologação daquela Terra Indígena (Processo Nº 1999.42.00.000014-7). Este último trabalho foi organizado em forma de livro pouco antes da sua última viagem a Manaus, para ser publicado.

Retomando a linha de pesquisa no campo da etno-história, Erwin tentou alcançar sua meta de entendimento para os conflitos vigentes em Roraima dedicando seu esforço como analista e pesquisador a um projeto iniciado desde 1999, com o nome provisório de “Os alemães na etno-história de Roraima”. Nesse projeto, o seu propósito era – além de prestigiar as sociedades indígenas de Roraima – reforçar a sua identidade e memória coletiva, questionar e até mesmo tentar retificar preconceitos sobre raça, nação e tribalismo. Por isso se dedicava à fundamentação e à divulgação de fontes que considerava importantes para a história de Roraima. A obra de Theodor Koch-Grünberg, considerado um etnógrafo pioneiro naquela região, teve um destaque especial nessa pesquisa.

Vários estudos foram apresentados por Erwin Frank em fóruns e em reuniões da ABA, enfocando aspectos da obra etnográfica de Koch-Grünberg. Alguns deles foram publicados posteriormente, como Frank (2002, 2005), na “Revista de Antropologia” da Universidade de São Paulo; Frank (2006), em tradução publicada pela Editora da Universidade Federal do Amazonas e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia; e Frank (2007), uma resenha crítica sobre a introdução da obra “De Roraima ao Orenoco”, com tradução de Cristina Alberts-Franco, publicada pela Editora Unesp em 2006.

Outro projeto realizado por Erwin foi uma exposição de fotografias tomadas por Koch-Grünberg em 1911-1912, montada no Museu de Roraima no ano de 2000. Erwin Frank pretendia reunir em livro o resultado desses trabalhos sobre os alemães. O artigo “Objetos, imagens e sons: a etnografia de Theodor Koch-Grünberg”, publicado nesta revista pela primeira vez, é, sem dúvida, parte da intenção de divulgar o trabalho desse importante etnógrafo na região. Ele tem

por objetivo discutir acerca da razão que move o projeto etnográfico de Koch-Grünberg, isto é, o motivo pelo qual esse etnógrafo se ocupou tanto em documentar, fotografar e filmar sua experiência na Amazônia.

REFERÊNCIAS

FRANK, E. H. A mais antiga fonte da linguística indígena de Roraima (re-descoberta). **Revista do Núcleo Histórico Socioambiental**, v. 1, n. 1, p. 103-116, 2007.

FRANK, E. H. Introdução. In: KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **A Distribuição dos Povos entre rio Branco, Orinoco, rio Negro e Yapurá**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2006. p. 13-28.

FRANK, E. H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 559-584, 2005.

FRANK, E. H. A construção do espaço étnico roraimense, ou os Taurepang existem mesmo? **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 287-310, 2002.

FRANK, E. H. **Opake Strukturen der Argumentation**: zur Meta-Theorie wissenschaftlicher analyse in den Humanwissenschaften am Beispiel einer Untersuchungstradition in der Kulturanthropologie. Bonn: Holos, 1993a.

FRANK, E. H. **Los pueblos indios en sus mitos**. 2. ed. Quito: Abya-Yala, 1993b.

FRANK, E. H.; PATINO, N.; RODRIGUEZ, M. **Los políticos y los indígenas**. Quito: Abya-Yala, 1993.

FRANK, E. H. **Y se lo comen**. Kritische Studie der Schriftquellen zum Kannibalismus der panosprachigen indianer Ostèrus und Brasiliens. Bonn: Holos/Mundus, 1987.

Recebido: 02/03/2010
Aprovado: 17/03/2010